

1. Você é elogiado unanimemente pela crítica e artistas consagrados, premiado e solicitado por importantes conjuntos orquestrais do Brasil. Como fazer para manter a tranquilidade, a simplicidade para trabalhar e não deixar q este assédio se transforme numa expectativa de fazer coisas geniais todo o tempo?

Felizmente lancei muito cedo bases sólidas para meu desenvolvimento como músico, tendo na música (e não nas coisas externas a ela) minha fonte de ânima. Fui garoto prodígio (tocando vários instrumentos e compondo desde cedo) mas não fui explorado como tal, neste ponto tive sorte. Minhas maiores alegrias vem dos acertos musicais portanto sei o quanto tenho que trabalhar para manter o sonho aceso e conseqüentemente continuar vivo. Mantenho a tranquilidade e a simplicidade porque reverencio os grandes mestres religiosamente. O legado destes compositores é grandioso e o contato com suas obras impede que me acomode num ponto ou me deslumbre com minha carreira. Minha natureza é inquieta, de qualquer forma, não fico satisfeito facilmente. Evidente que reconhecimento é bom, estimulante; é quando sabemos que não estamos falando às paredes, que comunicamos algo em profundidade. Minhas exigências pessoais excedem qualquer pressão externa, sou meu maior crítico.

2. Sua relação com a música parece ter sido sempre extremamente natural, sem grandes sofrimentos para alcançar um alto nível técnico, ou dilema na hora de escolher uma profissão. É isto mesmo?

Corro o risco de soar pretensioso mas de fato muito do que sei me foi dado de presente. A técnica pianística por exemplo foi surgindo na medida em que minhas idéias musicais pediam, não estudei aquele monte de escalas. Também toco uma diversidade de instrumentos e isso é de verdade bem natural para mim. Nem por isso estudo pouco, trato minha 'facilidade' com muito carinho.

3. Da mesma forma, não parece haver diferença para você entre tocar e compor música popular e erudita. Na hora de compor especificamente para um conjunto popular, ou uma sinfônica como a Osesp, existe alguma diferença primordial, no ponto de partida, na forma de encarar o material musical, ou para vc estas diferenças não existem?

Acho que hoje em dia especialmente e cada vez mais, "popular e erudito" são termos ineficazes, carregados de preconceitos banais e reducionistas: são termos caducos. Na verdade existem estilos, idiomas, linguagens, diferentes tradições... Não é "tudamesmacoisa" para mim, longe disso (simplismo só atrapalha e separa mundos). Muito pelo contrário, acho que meu mérito é achar pontes estilísticas onde a essência de cada estilo é preservada e até enfatizada. Esse deve ser também meu mais nítido traço de brasilidade. Escrevo canção, toco piano e escrevo pra orquestra. No primeiro caso existe a rica tradição da canção brasileira na qual procuro me inserir de alguma forma. O piano é meu instrumento principal e nele realizo minhas idéias com muita facilidade pois muitas delas surgiram no teclado. Para orquestra ou para um quarteto de cordas minhas preocupações são outras mas de certa forma meu 'ouvido interno' tem os mesmos anseios. Acho que (aí sim!) minha música é uma coisa só.

4. Por falar em Osesp, sobre obra que será estreada no próximo mês, composta para o concurso de regência, existe algum aspecto q gostaria de destacar? O fato de haver danças 'reais' (*Suíte de danças reais e imaginárias*) significa q vc se baseou em material musical de algum compositor?

O prelúdio é extraído do "The Fairy Queen", de Purcell. O compositor barroco inglês, no meu imaginário, é o mestre de cerimônias deste baile fantástico onde não só humanos são convidados mas também cronópios e famas. Não gosto de

analisar minhas próprias composições e sempre desconfio de compositores que o fazem!

5. De todos os trabalhos que já fez – composições e discos próprios, colaboração com artistas, projetos especiais – existe um carinho especial por algum especificamente? Por que?

Não consigo isolar um projeto e colocá-lo no pedestal. Toda música que fiz teve uma importância na minha trajetória, cada projeto me trouxe bagagem musical preciosa que torna o seguinte mais rico, mais íntegro.

6. Existe algum músico erudito ou grande intérprete/compositor da música popular com o qual vc tenha vontade de desenvolver algum trabalho e ainda não o fez? Por que a admiração por tal músico?

Tenho meus heróis. A lista é grande!

7. Saindo do universo musical, quais suas outras referências, que outras coisas te inspiram e ou tocam na literatura, cinema, artes plásticas etc?

Leio regularmente e encontro na literatura um mundo inesgotável de idéias. Adoro Italo Calvino, Borges, Dostoevsky, Pessoa (todos eles), Rilke, Drummond e tantos outros. Quando posso, Freud para iniciantes. Quixote é meu livro de cabeceira. Nas artes plásticas, recentemente Klee tem saltado como preferido. No cinema é Fellini mas adoro “Monstros S/A” também.

8. Você é do tipo organizado que planeja a carreira ou ao menos os próximos passos q pretende dar? Quais planos q gostaria de realizar, a médio e longo prazo?

Não planejo muito, não tenho estratégias mas o instinto me guia, felizmente, para a realização de meus sonhos musicais e imediatamente a criação de outros novos. A história vai se fazendo naturalmente mas sei muito bem o que NÃO quero.

9. E, de forma mais imediata, quais seus próximos projetos e apresentações?

Os concertos da OSESP. Para eles também criei um arranjo para o concerto de final de ano com a Mônica Salmaso e Banda Mantiqueira. Há o DVD em duo com Ná Ozzetti que já está entrando na ilha de edição e deve ficar pronto no final do ano. Em duo com ela ainda temos o final da turnê (Manaus e Rio). Há o balé para a Banda Sinfônica do Estado. Escrevi duas peças de câmara, “Choro Breve” e “Variações Villa-Lobos” (para trio de palhetas e piano) que também serão gravadas este ano. Quero também gravar meu quinteto “Angelus”.